



Aspirar
e projetar
por entre
os poros

Ruy Cezar Campos

Brasil. Doutor em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisa a distribuição de dados digitais e os fluxos de recursos naturais primários, as paisagens e narrativas infraestruturais que envolvem essa distribuição, a relação entre mídia e clima, os modos de corporificação da rede digital, bem como metodologias das arqueologias das mídias voltadas para a interculturalidade.

czr.campos@gmail.com

Aspirar e projetar por entre os poros

Resumo

As ações dos "Territórios Sensíveis" no manguezal de Jequiá surgiram da pergunta "O que podemos aprender com o manguezal para (sobreviver) no Antropoceno?". Essas ações ocorreram alguns meses antes do surto global de SARS-CoV-2, quando os registros de falta de ar ainda não eram tão numerosos como se tornariam mais tarde. O vírus da pandemia já estava circulando globalmente em janeiro de 2020, quando um *open lab* foi realizado na galeria Z-42, com a epidemia irrompendo no Brasil em março daquele ano. O vírus ainda não era sensível para nós, os participantes, nem poderíamos imaginar a série de eventos que nos afetariam em várias escalas e causariam a morte de aproximadamente 700.000 pessoas no Brasil, segundo dados oficiais. Inspiradas pelo conceito de brutalidade de Mbembe no Antropoceno, as ações realizadas no projeto Territórios Sensíveis exploraram o ambiente único do manguezal e suas lições sobre a escassez de ar.

Palavras-chave

Territórios sensíveis, Antropoceno, Manguezal do Jequiá

Aspirar y proyectar a través de los poros

Resumen

El accionar de los "Territorios Sensibles" en el manglar de Jequiá surgió a partir de la pregunta "¿Qué podemos aprender del manglar para (sobrevivir) en el Antropoceno?". Estas acciones tuvieron lugar unos meses antes del brote mundial de SARS-CoV-2, cuando los informes de dificultad para respirar aún no eran tan numerosos como lo serían más tarde. El virus de la pandemia ya circulaba a nivel mundial en enero de 2020, cuando se realizó un laboratorio abierto en la galería Z-42, y la epidemia estalló en Brasil en marzo de ese año. El virus aún no era sensible para nosotros, los participantes, ni podíamos imaginar la serie de eventos que nos afectarían en varias escalas y causarían la muerte de aproximadamente 700.000 personas en Brasil, según datos oficiales. Inspirándose en el concepto de brutalidad de Mbembe en el Antropoceno, las acciones realizadas en el proyecto Territorios Sensibles exploraron el entorno único del manglar y sus lecciones sobre la escasez de aire.

Palabras clave

Territorios sensibles, Antropoceno, Manglar de Jequiá

Aspire and Project Through the Pores

Abstract

The actions of "Sensitive Territories" in the Jequiá mangrove emerged from the question "What can we learn from the mangrove to (survive) in the Anthropocene?". These actions took place a few months before the global outbreak of SARS-CoV-2, when records of shortness of breath were not yet as numerous as they would later become. The pandemic virus was already circulating globally in January 2020, when an open lab was held at the Z-42 gallery, with the epidemic breaking out in Brazil in March of that year. The virus was not yet sensitive to us, the participants, nor could we imagine the series of events that would affect us on several scales and cause the death of approximately 700,000 people in Brazil, according to official data. Inspired by Mbembe's concept of brutality in the Anthropocene, the actions carried out in the Sensitive Territories project explored the unique environment of the mangrove and its lessons on air scarcity.

Keywords

Sensitive Territories, Anthropocene, Jequiá Mangrove

Aspirar

As ações do Territórios Sensíveis no manguezal do Jequiá partiram da pergunta “O que podemos aprender com o mangue para sobre(viver) no/ao Antropoceno?”. Elas ocorreram poucos meses antes da eclosão do SaRS-CoV-2 em escala global, quando ainda não se produziam tantos arquivos da falta de ar (SHARPE, 2016) quanto logo depois.

O vírus que provocou a pandemia já circulava pelas correntes globais em janeiro de 2020 quando um *open lab* do projeto ocorreu na galeria Z-42, tendo a epidemia eclodido no Brasil em março daquele ano. O vírus ainda não era sensível para nós que participávamos, tampouco podíamos imaginar que testemunharíamos a série de eventos que nos afetou em tantas escalas e que já fez cerca de 700.000 pessoas falecerem no Brasil, segundo os dados oficiais. Como colocado por Mbembe, vivemos tempos de brutalidade, sendo a crise pandêmica iniciada em 2020 um exemplo das guerras que marcam o Antropoceno:

All these wars on life begin by taking away breath. Likewise, as it impedes breathing and blocks the resuscitation of human bodies and tissues, Covid-19 shares this same tendency. After all, what is the purpose of breathing if not the absorption of oxygen and release of carbon dioxide in a dynamic exchange between blood and tissues? But at the rate that life on Earth is going, and given what remains of the wealth of the planet, how far away are we really from the time when there will be more carbon dioxide than oxygen to breathe?

Dentre as ações realizadas no âmbito do Territórios Sensíveis me chamou atenção (sendo relevante como ponto de partida para o presente texto) o convite de Walmeri Ribeiro aos corpos dos jovens da colônia Z-10, na Ilha do Governador, para aspirar o intenso cheiro do mangue que os circunda como vizinho e os recebe, poroso, continuamente em reconfiguração e em enraizamentos aéreos que desafiam marchas epistemológicas.

Aspirar foi uma ação que envolveu deixar o pé ser engolido pelo lodo pobre em oxigênio; a traqueia, brônquios e alvéolos pelo enxofre acentuado em razão da poluição. Aspirar, seguindo Sharpe (2016), é soltar um fluído do corpo e levar uma fluída matéria estranha em direção aos pulmões e às correntes respiratórias, para dentro; aspirar como fazer lugar onde se pode tomar ar e por um instante viver como

oxigênio e hidrogênio. Aspirar como lugarificação de si, em uma atitude de estima, respeito, atenção e consideração ao ambiente e ao gesto de respirar.

Poucos meses depois da ação nos deparamos com o medo e o risco de termos os pulmões atacados pelo novo vírus. “O que podemos aprender com o mangue para sobre(viver) no/ao Antropoceno?”: convidar os corpos para aspirar o intenso cheiro do manguezal que os circunda e que os recebeu foi um gesto que certamente conectou essa entrega do pulmão ao ambiente de vida pulsante em decomposição; em meio ao pouco oxigênio, ao esgoto e à poluição que colocam a própria respiração do mangue em risco. Ao mesmo tempo, tal gesto se ancorou em um lugar possível para a tomada de ar, para aspirar, entre o ar e o corpo jovem apoiado em raízes aéreas.

Mbembe (2021) propôs que venhamos a entender o ar como a infraestrutura comum à vida e a luta contra o sufocamento: o sufocamento dos corpos negros pela escravidão foi também o sufocamento da Terra, assim como o sufocamento do oceano. Para ele, antes do Covid-19, a humanidade já estava ameaçada com sufocamento e já eram necessárias ações contra tudo que condena o planeta ao fim da vida, que ataca ao trato respiratório, a tudo que no reino do capitalismo constrói um futuro de sufocamento.

O ar como a infraestrutura comum que poderá garantir a vida na Terra.

O mangue ensina sobre a escassez de ar, em sua coreografia de entrecruzamentos no jogo do refluxo das marés, da hibridez entre o doce e o salgado; lugar onde sentir o chão tem consequências epistemológicas por seus pertencimentos híbridos; pelo fato de que a razão não consegue prever, para marchar, onde crescem as raízes, de tão entrelaçadas: satélites aéreos dos sinais do ambiente (Ginwala e Zisherl, 2013). Raízes aéreas como meios para manter a receptividade enquanto se cruza ao desconhecido e se sobrevive em meio ao que Mbembe (2020) chama de brutalismo:

o processo contemporâneo pelo qual o poder enquanto força geomórfica é atualmente constituído, se exprime, se reconfigura, atua e se reproduz. E fá-lo pela fratura e fissura, pela acumulação de barris, pela perfuração e pelo esvaziar de matéria orgânica, por fim, pelo que chamamos de esgotamento.

Em janeiro de 2020 ocorreu a projeção de um vídeo registrando tal ação proposta por Walmeri Ribeiro na galeria Z-42. Como culminância de ações desenvolvidas ao longo do segundo semestre de 2019, o *open lab* apresentou essa e outras obras de arte em processo, além de ter criado momentos de reflexão teórica por meio de palestras e

bate-papos entre moradores da Baía de Guanabara (mais especificamente, da ilha de Paquetá e da colônia Z-10, na Ilha do Governador).

Projetar

Instalei, na ocasião, um ensaio chamado “Videoduto – Trash/Memory”, desenvolvido em colaboração com Luiz Antônio - Pãozinho. O ensaio é projetado em um duto de 2,5m que foi retirado das águas do Rio Jequiá após flutuar pela Baía de Guanabara e traz imagens de caráter experimental e documental gravadas em um processo colaborativo na Colônia Z-10.

Em maio de 2019, fizemos uma primeira visita à Colônia Z-10, apresentando-nos aos pescadores dentro do galpão tradicional onde gerações deles partilharam convívio. Devido à poluição, a maioria deles hoje deixou de pescar como principal atividade de subsistência. Quando saímos do prédio pela primeira vez e entramos no mangue (onde alguns colaboradores que moravam lá nunca tinham ido antes), o duto estava lá, logo após um pequeno e trêmulo pedaço de madeira que servia de ponte para os fundos das casas, para o mangue. O manguezal recebe irregularmente os dejetos de um fracassado sistema de esgoto, e foi respirando sua atmosfera junto com moradores e artistas que o duto surgiu como um evento concreto de reflexão territorial: um duto de 4-6 metros que ficou abandonado por meses entre raízes aéreas e microorganismos. Percebe-se aqui o mangue como um lugar para se perceber diferentemente a Terra: onde continuamente se reconfigura o ambiente em seu caráter híbrido e onde traços humanos não sobrevivem de modo duradouro. Conforme Ginwala e Zihlerl (2013)

The mangrove’s manner of suspension is also one of respiration, as it experiences rhythmic and daily tidal inundation. The adaptive stilt-roots common to the *rhizophora*, or “true mangroves,” partially raise the tree body, again expanding its exposed surface. As a sensory mechanism, it is one that remains “anchored” to location, and yet perpetually undertakes the task of absorbing its “surround.” It is this intricate dynamics of exposure that renders the mangrove a critical motif of affective cartography during times of hyper-mobility.

O duto guardou a informação compartilhada por um de nossos colaboradores: havia flutuado na Baía de Guanabara, sendo conduzido pelo refluxo da maré diretamente para a foz do rio Jequiá e depois para seu mangue, onde danificou algumas pequenas

embarcações. Para controlar esses possíveis danos contra árvores e instrumentos de trabalho e também para dar-lhe algum uso, nosso colaborador mais engajado Thiago Caiçara conseguiu ajuda de outras pessoas para tirá-lo do rio e colocá-lo junto com as raízes do mangue. Ele já havia usado parte do duto para fazer canteiros de flores na praça principal da colônia. A outra parte se integrou ao mangue, com os microorganismos crescendo no interior. Como videoartista com trajetória de pesquisa focada em infraestrutura (suas materialidades e percepção ambiental), no momento em que vi o duto, já planejei uma videoinstalação que pudesse mediar uma percepção desse ambiente. Mas fiquei calado e deixei o local definir se seria possível ou não fazê-lo durante o laboratório, o que ocorreria meses depois.

Quando voltamos, meses depois, o duto ainda estava lá. Neste momento, e a partir da mediação deste duto o "lugar" do fazer artístico emergiu. Nesse processo, o videoduto surgiu como experiência de aspiração, corporificação e lugarificação, como lubrificante para as linhas divergentes da narração petropolítica da Baía de Guanabara e a presença densa do petróleo nas memórias das gerações da Colônia Z-10. Parte dessa terminologia empregada para tratar do tema advém de textos do filósofo iraniano Reza Negarestani, para quem o

petroleum possesses tendencies for mass intoxication on pandemic scales (different from but corresponding to capitalism's voodoo economy and other types of global possession systems) Petroleum is able to gather the necessary geo-political undercurrents (subterranean or blobjective narrations of politics, economy, religion, etc.) required for the process of Eradication or the moving of the Earth's body toward the Tellurian Omega — the utter degradation of the Earth as a Whole. As the ultimate Desert or Xerodrome, the Tellurian Omega engineers a plane of utter immanence with the Sun where the communicator can no longer be discriminated from what is communicated to the Sun. Xerodrome is the Earth of becoming-Gas or cremation-to-Dust.

Videoduto – Trash/Memory começa com imagens feitas por satélites e que mostram correntes de vento, de ar e de partículas na costa do Rio de Janeiro. Sobreposto a tais imagens, vemos imagens documentais do encontro com o duto abandonado em meio às raízes do mangue do Jequiá, seguido da limpeza que fizemos nele e de sua transformação em dispositivo audiovisual. O som foi gravado por um dos mais jovens pescadores da colônia, Luiz Antônio - Pãozinho, um dos únicos respeitados pelos mais velhos. Oferecendo um equipamento de gravação de som para ele usar, caminhei junto

pelo mangue enquanto fazia uma entrevista para conhecer as trajetórias de sua família e de seus mais velhos.

Caminhando e ouvindo juntos formulamos perguntas para entrevistar também os pescadores mais tradicionais da colônia. Tais questões relacionavam-se com a memória do mangue, os entulhos que o contaminam, mas também com as memórias sociais de seu falecido pai. Ele morreu há muito tempo e era um dos melhores na técnica de mergulho para pescar, algo que os mais velhos lembraram ao serem entrevistados.

Quando questionamos o respeitado Sr. Geraldo, pescador mais tradicional da vila, ouvimos que petróleo de origem iraquiana vazou em 1976 de um navio nas proximidades e ainda estava denso na memória daquele lugar: o mangue queimou após o derramamento, criando pânico o fogo que se espalharam pela colônia e pelas casas dos pescadores.

A amargura é sentida na narração do Sr. Geraldo sobre como a Baía de Guanabara é vítima de agressões há décadas e como, entre os humanos, os pescadores locais são os primeiros a sentir os efeitos ecológicos de tais agressões. O petróleo engrossa por muito tempo na memória do lugar: o Sr. Geraldo compartilhou conosco também que no ano 2000 um rompimento de um duto causou um dramático derramamento de óleo na Baía. Exatamente no dia em que ocorreu a exibição do Videoduto no *open lab* em 2020, o desastre completou 20 anos. Pescadores, artistas e estudiosos mais jovens e mais velhos estavam ao lado do Videoduto refletindo juntos sobre todas as camadas sensíveis de tal lugar, de tais territórios e de tais “*memórias trash*”.

Dos arquivos da falta de ar, pelo incêndio rememorado por Seu Geraldo no Videoduto, o primeiro desastre ambiental da Baía de Guanabara, o mangue sufocado, asfixiado. Do mangue que queimou como alvo do poder dotado de força geomórfica, que se reproduz pela acumulação de barris, pela perfuração e pelo esvaziar da matéria orgânica, pelo esgotamento. O duto acabou por ser o dispositivo para o encontro com o que está fossilizado no mangue e que se manifesta enquanto Antropoceno, cabendo a consideração de Yosoff (2017) de que

The substratum of the technosphere — the output of contemporary enterprise — has a central claim in accounts of the Anthropocene’s material geographies. Waste sites, mining shafts and extraction zones

are imagined as the new museums of humanity, alongside the more affectual and accumulative material registers of pollution, toxicity and climate shifts. More than the by-products of social projects and industrial practices, such chemical and atmospheric modes of ruination are producing their own unique traces or architectural fossils in the Earth in the form of coral bleachings, plasticized rocks and carbon dioxide measurements. The accumulation of new mineralogical arrangements and organic-inorganic composites in the flow of geologic matter provides the evidential base for the Anthropocene. This new intemperate science of fossilization is generating the technofossils of the future. (YUSOFF, 2017)

Em meios às imagens do mangue, sobreposições de fogo ao lugar, imagens de satélite e registros de ações o ensaio como um desses tecnofósseis tece suas questões centrais nos três parágrafos compartilhados a seguir¹.

“A Baía de Guanabara e seus manguezais são posicionados como uma zona de sacrifício do progresso. É uma lógica de guerra contra aqueles que nela vivem e que dela vivem, como os pescadores e a própria vida animal em meio às ruínas da petropolítica. Apesar dos acidentes ambientais de 1975, 1997, 2000 e outros diversos que se deram na década de 2010, a situação segue sendo de injustiça ambiental para os pequenos pescadores e animais dessa zona de sacrifício. Essa lógica se reproduz não só no que se evidencia em falhas infraestruturais dos dutos que transportam o petróleo, mas no direcionamento dos próprios canos e dos próprios resíduos da população que vive na beira do mangue.

Memorificar através do duto que nos foi trazido pelas correntes de vento e de ar é um gesto de pensamento sobre a nossa sobrevivência através de alianças que possam resistir às circunstâncias mais sinistras. Tudo que pensamos, pensamos pelas circunstâncias favoráveis que as infraestruturas criam para o nosso pensamento operar. Com o rompimento dessas infraestruturas, os desastres do clima contemporâneo se revelam para o nosso ambiente e para as nossas próprias razão e imaginação, condicionadas às circunstâncias que as legitimam institucionalmente pela ciência ou pela arte: será meramente para anestetizarmos nossa morte?

Arte e pesquisa no clima contemporâneo seria ir além do que as circunstâncias atuais permitem e considerar que as circunstâncias de nossa sobrevivência serão eventuais

¹ Link para o vídeo: [<https://takemetotheriver.net/object-of-abuse/videoduct-trash-memory>]

diante de infraestruturas falhadas de seu propósito, como um duto que causa um *oilspill* ecocida ou que vira mídia para ensaio audiovisual. Como coloca Naomi Klein, não há como se manter um sistema construído sobre lugares sacrificados e pessoas sacrificadas a não ser que se tenha teorias intelectuais que justifiquem o sacrifício existir e persistir. O caminho para fora dessas teorias não está nem na ciência nem na arte, mas talvez em suas tentativas entremeio que encontram conhecimento na humildade ativista de pescadores lugarificados”.

Apontamentos

O tom do ensaio não deixa de demonstrar uma ansiedade em relação ao futuro e ao papel da arte e da pesquisa em relação a esse futuro. Não era à toa tal tom: poucos meses depois a pandemia eclodiu e o que parecia não tão iminente se fez intensamente presente. A pandemia (especialmente no Brasil e em outros países com forte negacionismo) envolveu eventos que bem ilustram o que se pode entender por falhas infraestruturais: basta lembrar o que aconteceu no Amapá, em 2020, na ocasião em que uma falha em uma estação de energia causou um apagão elétrico em meio ao vírus, seguido de semanas de turbulência social, precariedade, repressão policial e violações de direitos de diversas ordens. Também basta observar o que significa a falha infraestrutural da falta de oxigênio e respiradores em Manaus. Por serem lugares fora do eixo hegemônico intelectual, cultural, político e econômico do Brasil, por serem Zonas de Sacrifício e Extração, a atenção merecida para esses problemas não foi devidamente dada ou chegou tarde demais. Podemos considerar também que está no próprio Rio de Janeiro essa desigualdade que marca sistemas técnicos de distribuição de bens comuns como a água, a energia ou os nossos dados.

Como artistas e instituições podem nos mobilizar ante a constatação de um século marcado por falhas infraestruturais associadas com desastres “não-tão-naturais”, vírus, quebra de redes logísticas e de produção de insumos básicos? Tal pergunta é relevante para a arte e seus atores desde que se entenda a própria fragilidade e vulnerabilidade sistemática da arte diante de tal contexto. Como colocado por Mbembe (2021):

If, indeed, Covid-19 is the spectacular expression of the planetary impasse in which humanity finds itself today, then it is a matter of no less than reconstructing a habitable Earth to give all of us the breath of life. We must reclaim the lungs of our world with a view to forging new ground. Humankind and biosphere are one. Alone, humanity has no future. Are we capable of rediscovering that each of us belongs to the same species, that we have an indivisible bond with all life? Perhaps that is the question – the very last – before we draw our last dying breath.

Como artistas, pesquisadorxs e, especialmente, instituições, como pensar/agir mais quanto ao que podemos fazer, quando diversas infraestruturas começarem a falhar, e como trabalhar de modo colaborativo por infraestruturas socioambientais que possibilitem certa autonomia resiliente às nossas redes de colaboração é um dos desafios para a arte no contexto da atual era geológica. Se quisermos ser menos anestéticos, ou seja, anestesiarmos menos as mudanças planetárias com produções estéticas de nosso sofrimento ou do sofrimento de um outro.

Referências

SHARPE, Christina. *In the wake: On blackness and being*. Duke University Press, 2016.

NEGARESTANI R. Cyclonopedia. *Complicity with Anonymous Materials*. 2008.

GINWALA, Natha; Zihel, Vivian. Sensing Grounds: Mangroves, Unauthentic Belonging, Extra-territoriality. *E-flux*. n. 45. 2013

MBEMBE, Achille, and Carolyn Shread. "The universal right to breathe." *Critical Inquiry* 47, no. S2 (2021): S58-S62.

MBEMBE, A. O direito universal à respiração. *N-1 edições*. 2020 Mar 30;20:1-3.

YUSOFF, K. Epochal aesthetics: Affectual infrastructures of the anthropocene. *e-flux*. 2017